

## Parte 2

### 240º Dia

... Seis anos.

*A breve prazo concluiu-se que tínhamos trazido para casa o pior dos inimigos. Uma mascote que se recusava a sê-lo. Queríamos transformar um emblema do inimigo, nascido e criado na guerra do mato, em imagem de bondade, segurança e conforto proporcionada pelo ocupante. Uma mentira que o Júlio jamais permitiu que acontecesse...*

Um mês de Mucondo. Adoeço.

Não me tocava ainda uma febre de paludismo inesperado que, mais tarde ou mais cedo, a todos os que passaram por África haveria de bater à porta.

Após um dia inteiro em coluna de ida e volta bem para lá do Onzo, direcção de Nambuanguo (de pesada memória do início da guerra) a cerca de 200 quilómetros, senti uma espécie de borbulha no pescoço que cocei. De seguida limpei o pó dos olhos que me cegava. O suficiente para uma micose típica alastrar pelo pescoço, cara e pálpebras e me tirar por largos dias da picada e da minha estreia nas operações ao lado do Capitão. Não perdi pela demora. Mais tarde ou mais cedo iria parar ao mato no teste mais importante de quantos me sujeitavam ali.

Numa das operações em que não participei foi capturado um rapaz que não teria mais de seis anos. O Júlio, que nunca percebi se era o seu nome verdadeiro se adoptado.

Normalmente era atribuído o nome do soldado que o capturava. Como era costume, foi adoptado pela Companhia, passando a funcionar como uma espécie de mascote, uma tradição para a maior parte das companhias em África. Na altura o Júlio dizia-se ser filho dum comandante de um grupo importante que actuava na zona. Passou a habitar a camarata dos Sargentos. Para melhor compreensão, convirá reforçar que o Mucondo, como a quase totalidade dos aquartelamentos da guerra em África, era um sítio isolado distante da civilização, distante de tudo.

O Júlio jamais sossegou desde o momento da sua captura, em que esperneou e gritou a plenos pulmões que o matassem ali mesmo mas que não o levassem.

Nunca chorou.

Seis anos.

Integrado no aquartelamento, mas desorientado no lugar em que se encontrava, tentou aliciar mais de metade da Companhia para o levarem de novo para o mato. Roubou e enterrou munições que retirou de um carregador de G3 na caserna dos soldados. Foi encontrado por mais de uma vez a tentar desmontar uma G3 no intuito evidente de a fazer desaparecer, para posteriormente a utilizar na fuga que planeava todos os dias.

Seis anos.

Quando um dia um grupo de mulheres e crianças afectas aos guerrilheiros se apresentou, seduzidas por uma operação de acção psicológica de nome “Vinde a nós”, em que foram lançadas no mato *t-shirt's* e panfletos com promessas de bem-estar, o Júlio passou dois dias a insultá-las pelo seu acto de renúncia, chegando a tentar agredi-las fisicamente.

Uma noite, dissimuladamente, e no intuito de as maltratar, lançou algumas munições de G3 para a fogueira em que as mulheres se aqueciam, cuja deflagração feriu duas delas e levantou um pandemônio no aquartelamento por se julgar que estávamos a ser atacados. Seis anos.

A breve prazo concluiu-se que tínhamos trazido para casa o pior dos inimigos. Uma mascote que se recusava a sê-lo. Queríamos transformar um emblema do inimigo, nascido e criado na guerra do mato, em imagem de bondade, segurança e conforto proporcionada pelo ocupante. Uma mentira que o Júlio jamais permitiu que acontecesse. Por motivos de segurança, foi decidido transferi-lo rapidamente para um acantonamento de refugiados algures em Angola, onde naturalmente seria sujeito a intensa acção psicológica que o traria de volta ao convívio e sossego de mais de quinhentos anos de ocupação. Quinhentos anos ali renunciados em definitivo pelo Júlio, recusando continuar naquela mentira de mendigar o futuro incerto que lhe queriam vender a troco do silêncio de um consenso falso e da submissão.

Seis anos.

O Júlio incomodou-me.

Nessa noite dei por mim a pensar que aquela era já uma guerra perdida. Deitei-me no meu quarto sem janelas, situado no interior daquelas instalações precárias construídas à pressa sem grande convicção de serventia para o futuro, e senti uma vontade imensa de aderir à causa do Júlio.

Adormeci com dificuldade após ter longamente tentado entender a força das convicções daquela criança, que medi com as minhas, sentindo-me derrotado naquele confronto. O Júlio partiria dois dias depois de ter tentado punir com a sua raiva os ex-acólitos que, cansados de guerra, tinham por fim desistido. Uma desistência que nada tinha a ver com uma eventual nova esperança, prometida agora pelo braço armado do colonizador, que deixava *t-shirt's* brancas na mata com a expressão pérfida de “Vinde a nós” estampada em letras garrafais e promessas de autênticos paraísos, para depois os receber a ração de combate fria e condensada, mesmo assim um autêntico manjar para quem comia quando havia e o que havia pouco ia além do pirão que restasse depois do passar da tropa que tudo devastava, ou de uma chuva de *napalm* largada pelos *Fiat* ao abrigo das convenções do silêncio das matas distantes de Angola. Trocavam apenas o desconforto da privação total que lhes proporcionava a guerra e a vida no mato por uma réstia de duvidosa esperança de alguma paz e sossego junto do inimigo. Talvez para retemperar energias e mais tarde retomar a luta com outras armas e outro ânimo.

O Júlio recusou sentar-se junto das mulheres na viatura que os transportou a todos dali para fora. Era um autêntico guerreiro que não admitia desânimos ou traições à causa. Até na pose direita e altiva que perfilava na viatura. Que não vendia esperanças ou promessas. Que as construía ele mesmo pela força das armas, uma inquebrantável vontade de vencer e um punho fechado que sempre lhe vi em todos os momentos.

Partiu com os olhos secos e a respiração alterada pelo desespero, fulminando-nos a todos com aquele olhar vivo de raiva e angústia.

Seis anos.

Nunca olhou para trás, enquanto a coluna se fazia à picada iniciando a descida do pequeno morro do Mucondo, ponto de partida de um novo rumo sem norte, que o Júlio tomava sozinho nas mãos. Numa pose de firmeza e determinação, sentou-se no lugar que ele mesmo escolheu bem longe das mulheres e fixou o caminho que o levava em desespero para longe, muito longe, daquilo que sentia ser o seu terreno de luta, onde ficava a família e o firme desejo de lutar com todas as armas por uma pátria que não teria que dividir com outros que não exibiam na pele as mesmas cores do sol africano.

O Júlio não me marcou só a mim.

Nos dias que se seguiram ficou no ar um silêncio cúmplice da causa do Júlio. Uma espécie de homenagem escondida que todos lhe prestávamos na forma possível. Um silêncio que traduzia mil e um desejos de pararmos por ali e regressarmos às origens, onde também havia uma pátria amordaçada por construir e um futuro novo por desbravar.

A vida havia, no entanto, de continuar.

E havia um Capitãozinho por construir e uma guerra para levar por diante. O meu primeiro dia de guerra a sério foi finalmente anunciado. A minha primeira operação no mato foi-me comunicada com um dia de antecedência. Não contaria com a presença do Capitão que, entretanto, fora de férias.

O suficiente para uma noite de conjecturas e imaginação de cenários de guerra sem fim. Aparelhei-me ao longo de todo o dia em termos de armas e bagagem como se me preparasse para uma longa viagem de regresso incerto. G3 limpinha e reluzente pronta para a função e em condições de superar uma inspeção rigorosa de parada pelo lindinho lá de Mafra. Quatro rações de combate (cada uma acondicionada numa caixinha com cerca de 7x20x30) que daria para os quatro dias de duração previstos para a operação. Algumas bolachas meio intragáveis substituiriam amargamente o pão na tarefa de ajudar a deglutir as latas de conserva, bisnagas de doce, leite condensado, cubos de marmelada e uma ou outra peça de fruta cristalizada.

O Santos veio ter comigo, admitindo que eu precisaria de algum apoio naquela primeira tarefa de preparar o meu saco de lona esverdeado, o qual transportaria às costas durante quatro dias, apenas com folga na hora de dormir ou nas breves paragens para as refeições.

As quatro caixinhas de ração de combate, bem acondicionadas no fundo do saco, provocaram um largo sorriso no Santos.

- Escuta lá ó maçarico. Pensas que vais para algum piquenique? Já agora vê lá se não te esqueces de levar também a escova de dentes...

Não apanhei a ironia logo à primeira. É que comigo funcionava outra máxima. Quem vai para o mar avia-se em terra.

- Pois, meu caro. Mas ao fim de umas horas com esta carga às costas, garanto-te que o que aviaste em terra só vais ter vontade de atirar ao mar.

Das quatro caixas o Santos reduziu-me a carga para metade e eu a sentir o meu estômago em grande aflição pontapeando-me para que tal não permitisse.

- A partir das primeiras horas de operação vais ver que a vontade de comer te vai desaparecendo lentamente. No fim aposto que ainda te vai sobrar uma latita de rojões ou umas sardinhas em molho de tomate. Vê mas é se levas água de reserva porque no mato nunca se sabe.

Acedi não muito convicto. Appetite foi coisa que nunca me faltou e quando me esforçava parecia até que me aumentava a vontade de comer.

Tive ali a minha primeira aprendizagem de sobrevivência no mato. As rações de combate retiradas foram trocadas por mais um cantil de água e um carregador de munições sobresselentes – e isto porque íamos para uma zona onde, em princípio, não iria faltar água, porque de contrário seria avisado levar ainda outro cantil.

- Nesta guerra há duas coisas que não te podem faltar: munições e água. O resto, com maior ou menor dificuldade encontras no mato ou suportas até chegar a casa, dizia-me, em tom solene, o Santos, do alto da sua experiência de 180 dias a subir e a descer montes, enquanto já se dirigia para a porta de saída deixando-me entregue a meia-dúzia de dilemas que tinha que resolver sozinho.

Não partia muito convicto da correcção daqueles preceitos de guerra desconhecidos para mim. Especialmente aquela de levar apenas duas caixas de ração de combate para quatro dias. Mas a experiência era coisa a que eu sempre dera muita importância e nem me

passou pela cabeça teimar em não seguir os conselhos do Santos.

Às quatro da madrugada um leve toque na porta soava a uma espécie de cornetim anunciando a alvorada. Nessa altura, não levava mais de umas duas horas de sono, de mistura com uma catadupa de inquietações que me atormentavam o espírito e me faziam imaginar os cenários de guerra mais patéticos que se possam imaginar.

Um estranho pequeno-almoço servido às 4:30 por um militar estremunhado, tomado na messe à luz mortiça e amarelada de uma lâmpada ensonada pendente na extremidade de um fio eléctrico entrançado, antecedia a formatura à frente das viaturas alinhadas na parada. Entre muitas sensações estranhas, retive a temperatura do ar. Embora fardados com camuflado, bota de lona e quico (pequeno boné com uma pequena pala e dois bicos atrás que faziam escorrer a água da chuva para fora do pescoço) podíamos estar ali em tronco nu que nenhuma aragem nos perturbaria.

Ainda noite, arrancámos finalmente em direcção ao Mufuque, região montanhosa que distava uns bons quinze quilómetros dali e que se via perfeitamente do quartel, sempre que o cacimbo permitia.

Comandava o Alferes mais antigo, o Chagas, que substituía o Capitão, sempre que este se ausentava ou ficava impossibilitado de participar nas operações. Uma espécie de segundo comandante operacional da Companhia.

Pouco mais de trinta minutos após termos saído do Mucondo, apeámos e demos início à caminhada em direcção ao 1020 (cota topográfica da maior elevação da região) célebre monte daquela zona, que ficou conhecido com aquela denominação supondo-se ser refúgio de vários acampamentos inimigos.

Connosco iam dois contratados negros recrutados na fazenda com a função de carregadores, mas que tinham uma missão bem mais específica, se bem que por vezes fossem solicitados a transportar o aparelho de rádio do radiotelegrafista, um TR-28, talvez com mais de dez quilos. À medida que íamos avançando, a mata ia ficando mais fechada e o sol lentamente desaparecendo. A partir de certa altura só era possível avançar abrindo caminho na vegetação à catana, função então a cargo dos dois contratados.

Aquela primeira operação iria ficar na minha memória pelos episódios mais extraordinários relacionados com a grandeza indescritível da mata virgem do norte de Angola, bem no coração dos Dembos. Em determinada altura o “Montijo”, a minha verdadeira muleta em tudo o que se relacionasse com actividade operacional, chamou-me à atenção para o local exacto em que o soldado Guia tinha ficado sem uma perna, o que achei estranho considerando tratar-se de um local de terra batida onde a colocação duma mina havia de deixar marcas no solo suficientes para denunciar que o chão havia sido revolvido.

E assim era. Só que, dissimuladamente, uma folha de bananeira tinha sido suavemente dobrada sobre o trilho, disfarçando qualquer indício de terra momentos antes remexida. Um simples aproveitamento do elemento natural era suficiente para iludir quem ali se encontrava fora do seu terreno. Passaram sete ou oito sobre aquela folha levemente inclinada sobre o caminho, calhando ao Guia pisá-la e ser projectado a dois ou três metros de altura. A tática do inimigo haveria de mudar. Por sistema não repetiam a mesma estratégia até à chegada de nova tropa. A argúcia e os estratagemas funcionavam ali por ciclos. Ciclos de tática e de imaginação. Ciclos de paciência, infindável paciência, e perseverança que almejavam um futuro novo e promissor, para quantos se sacrificavam no mato e na guerra.

Arrepiei-me um pouco e instintivamente passei levemente de largo como que receando que lá tivessem colocado outra mina.

A mata adensa-se de uma forma indescritível. O verde brota espontâneo em densas folhagens de todos os tamanhos, tons e feitios, sombreados pela copa de árvores frondosas de troncos revestidos por densas camadas de musgo e trepadeiras. O arvoredor

que brota cerrado do chão eleva-se bastante acima das nossas cabeças. Não se enxerga nada dois metros adentro daquele emaranhado de folhas e caules. É como se, náufragos, nos debatêssemos mergulhados nas ondas de um mar revolto. A humidade e o cheiro da terra encharcada mistura-se com os aromas fortes daquela vegetação nova e luxuriante. Os cheiros são difíceis de descrever. A abundância e a intensidade de toda aquela amálgama de aromas quentes asfixiam-nos.

Sempre que hoje os recordo, vem-me à mente a sensação de aromas quentes e doces, que se intensificam em determinados momentos, para logo se diluírem um pouco mais à frente, quando uma ou outra clareira nos facilita a passagem e não temos que pisar aquele manto de vegetação densa, que explode em cheiros fortes macerada debaixo dos nossos pés.

O chão é lamacento enterrando as nossas botas de lona por vezes até meio da perna, que mais à frente lavamos num pequeno riacho de água cristalina que chilreante se vai escorrendo num leito de um metro de largo e dois palmos de fundo.

Os dois assalariados não param. Durante horas e horas a fio abrem caminho naquele emaranhado de vegetação quase impenetrável, usando a catana com uma perícia incrível, minando um autêntico túnel por onde cabíamos por vezes de cócoras ou gatinhando de forma a contornar a dificuldade em cortar mais alto, quando a densidade de troncos e espinheiras a isso obrigava.

De quando em vez, ordem para parar vinda da frente e a exigência de silêncio absoluto do ruído que a nossa deslocação por entre folhagens produzia, tentando captar algum ruído que indicasse a presença do inimigo ou procurando esclarecer sons que nos confundiam frequentemente vindos das aves e dos milhentos animais da selva que povoavam aquela autêntica explosão de vida. Progredíamos obviamente em fila a uma distância de um a dois metros do companheiro da frente. Era possível ver apenas um ou dois, quer para a frente quer para trás. O terceiro já se perdia de vista envolto na folhagem larga das plantas e arbustos. Frequentemente era necessário mandar parar à frente para que os últimos se não atrasassem e não se perdessem. O ruído das catanas decepando troncos e folhagem ecoava cadenciado naquela atmosfera fechada onde o silêncio de vozes era sepulcral. O único som que se escutava a alguma distância dilacerava a vegetação cuja densidade nos garantia sermos os primeiros seres humanos que por ali passavam em séculos de história e de vida luxuriante plena de beleza indescritível.

Por vezes ecoava um impropério meio amaldiçoado de um militar que escorregava e se encharcava de lama, ou enterrava um pé num autêntico lodaçal menos visível no emaranhado rasteiro de trepadeiras espinhosas, que nos dilaceravam os tornozelos e as pernas, ditando o fim de um camuflado novinho em menos de dois ou três meses de uso. Há uma sensação de desbravar o desconhecido. Uma espécie de retorno à navegação marítima de descoberta de novos mundos até então desconhecidos. Era garantido que nenhum ser humano tinha alguma vez passado por ali. A designação de floresta virgem glorificava ali o seu verdadeiro significado e esmagava-nos com tanta beleza e imponência.

Quando entrámos na imensidão daquela vegetação fechada algumas horas atrás, o dia estava lindo. Nem uma nuvem. O sol era brilhante e quente. Mas ali estava escuro e o ar era húmido e fresco. Era como se o sol tivesse repentinamente sido ofuscado por uma tremenda tempestade a ponto de transformar o dia em quase noite. As bússolas iam supostamente apontadas na direcção do 1020. Nem sempre podíamos seguir o rumo indicado pela agulha que, nervosa, por vezes parecia enlouquecer rodando 180º como se o norte de repente fugisse para sul, para logo apontar para Leste. As dificuldades da floresta obrigavam-nos com frequência a optar pelo trajecto menos fácil, por vezes quase inacessível, para vencer as dificuldades do terreno e da própria arborização.

No *briefing* que tinha tido lugar um dia antes da operação, tinham-me fornecido o azimute da elevação. De vez em quando eu mirava a minha bússola e tentava perceber se estávamos no caminho certo. Por vezes parecia-me que sim, para logo achar que andávamos ao contrário. O norte ali era por vezes um ponto perdido, como nós naquela imensidão escura e por vezes bafienta, sem estrela polar que nos alumiasse o caminho, numa espécie de retorno a mares desconhecidos, perdidos em novos cabos de tormentas de vagas cruzadas que nos pareciam querer atirar borda fora.

De repente ordem para parar. Ficámos demasiado tempo inertes e agachados de ouvidos apurados tentando ler os acontecimentos que ocorriam lá na frente. Ninguém sabe o que se passa. A coluna alonga-se por mais de cem metros de comprimento. Eu encontrava-me sensivelmente a meio. Maçarico não tinha direito aos lugares da frente onde se tomavam as decisões. As notícias levam algum tempo a chegar cá atrás. O silêncio enerva. Podia não ser coisa boa.

Ouvem-se por fim alguns sussurros. Da minha frente segredam-me.

- Parece que andamos às voltas e já passámos por aqui há cerca de uma hora atrás...

- Já não é a primeira vez. Com os nabos do 2º pelotão à frente é o que dá..., ouve-se atrás de mim.

- O Alferes Chagas é perito nestas coisas. Da outra vez quase que morríamos à fome perdidos na mata! Lamentava-se outro soldado, enquanto se sentava num tufo de folhagem que derrubava com o seu peso, como se adivinhasse já que o tempo de espera naquela posição de aguardar as novas ordens se iria prolongar.

Assim era. A frente da coluna tinha encontrado o nosso próprio rasto num trilho cruzado desbastado na mata algum tempo antes. Tínhamos efectuado 360º certinhos convencidos que andávamos num único sentido. Na frente os dois Alferes procuravam descortinar o que estava errado no rumo que seguíamos. Ninguém se entendia. Já ninguém acreditava nas bússolas. Os montes encerravam milhares de toneladas de minérios ainda por descobrir, que baralhavam as agulhas e nos deixavam cegos no meio da escuridão sem estrelas nem pontos de referência.

Durante algum tempo passámos a caminhar por intuição tentando adivinhar de que lado está o sol, quando alguma claridade parece acentuar-se numa determinada zona da copa da floresta cerrada. A outra opção é a de subir e assim ter alguma garantia de que nos elevamos e não continuamos às voltas lá em baixo, quando o 1020 está bem lá em cima. Depois, subindo, é natural que se aviste qualquer coisa que nos reorienta a posição em que estamos e a missão que trazemos. Era também sabido que a floresta se tornava menos densa à medida que se subiam os montes. Só que a terra mole e húmida acrescenta outras dificuldades quando se sobem inclinações íngremes quase impossíveis de vencer nalguns pontos.

Gatinhamos agora como lagartos à procura de raízes e das próprias espinheiras que nos dilaceram, na esperança de obter pé firme e algo a que agarrar. A G3 já vem às costas para libertar as mãos naquela luta de subir a pique e não cair para trás. Chegados a um determinado ponto era frequente uma escorregadela e um deslizar quinze a vinte metros abaixo, até que algum tufo mais saliente nos parasse aquele retrocesso indesejado e permitisse o recomeço, não sem o riso a medo do soldado que arrisca:

- *Eh mé Alferes, passou por mim com tanta pressa que parecia que vinha de patins... Na me diga que já se queria ir embora...?!*

Nem respondo porque havia muito que se me tinham esfumado os últimos restos de humor e, no fundo, o que me apetecia era mesmo ir embora.

Tenho o camuflado ensopado e sujo. Uma mistura de suor e humidade das plantas que me salpicam como chuva. Começo a tentar imaginar como vou dormir logo à noite assim todo molhado. Numa espécie de alucinação, comum naquelas situações de privação e dificuldade, vêm-me à memória imagens de conforto e bem-estar. Um bom banho, roupa

lavada e seca, uma cama limpa, uma boa refeição. Esforço-me por afastar aqueles pensamentos que me atormentam mais ainda, mas ocorrem-me outros. Tenho pela frente pelo menos mais três anos daquilo. Não vejo como suportar. Desconheço ainda a minha capacidade de resistência à adversidade e às situações de dureza, por vezes desumanas, que a guerra proporciona. O décimo arranhão do dia, dilacerando-me a carne e os pensamentos, acorda-me daquele turbilhão de cogitações e dúvidas, trazendo-me de volta ao Mufuque e ao 1020.

Por fim a mata abre-se um pouco e o sol abrasador reaparece. O suficiente para me secar o camuflado em pouco tempo. Paramos para almoçar dispondo-nos em círculo. Inicio a minha longa maratona de trinta meses de refeições de ração de combate no mato. Abro o saco e agarro a primeira lata que me vem à mão sem preocupações de escolha. Quero mais é comer qualquer coisa e descansar. Muitas nem trazem rótulo. Parece que com a pressa nem tempo tiveram de as identificar. Só depois de abertas se sabe o que contêm. De mistura com o conteúdo enigmático, há parcelas de gordura gelatinosa que afugentam a pouca fome que ainda me sobrava daquela manhã. Enfrento aquele meu verdadeiro primeiro almoço de guerra como se de um inesperado inimigo se tratasse.

Não obstante, não sou esquisito. Mas aquela mistela misteriosa e de mau aspecto incomodava um pouco. A fome não é muita. Ou melhor; não tenho fome. O cansaço sobrepõe-se à vontade de comer. O corpo desidratado solicita água a todo o momento. Sede sim, a sede é permanente. Felizmente havia água em abundância. Por vezes a água chegava para matar a fome ou para enganar a sua ausência. As regras de segurança da guerra não permitem que se faça lume onde aquecer a ração de combate e diluir aquela espécie de peçonha camuflada. Há, no entanto, uma pequena subversão ao sistema de parceria com alguma adequação às necessidades do combatente. A partir de uma determinada altura da guerra, algumas embalagens passam a trazer dois ou três pequenos cubos de combustível sólido que permitem derreter aquela cápsula de colesterol onde se conserva uma dose minúscula de carne ou peixe calcados em cada lata.

Três pauzinhos espetados no chão equilibram um equilíbrio instável de permanente ameaça de um almoço perdido numa latinha cujo conteúdo cabe vantajadamente na boca de uma só vez. Por baixo, o pequeno cubo branco arde com uma chama azul quase imperceptível, lambendo o fundo da lata, quando o vento o permite, na fé, rapidamente perdida, de tornar um pouco mais tragável aquela espécie de dejecto encarcerado que nos fornecem para enganar a fome e ir mastigando a vida.

O Santos vem ter comigo para saber do meu estado e mandar umas bocas de amarfanhar *maçarico* derrotado nas primeiras cinco horas de sobrevivência no mato. Surpreende-o a minha técnica de aquecer a lata com os três pauzinhos e recomenda-me que consuma pouca água. Fico confuso. Como é que se pode pedir a alguém que consuma pouca água quando se sente quase morrer de sede a toda a hora.

- Até aqui a água não tem faltado. Mas podemos não voltar a encontrá-la nos próximos três dias. Diz-me com ar sério e convicto. Voltou-me a tentação de não acreditar no Santos, logo dissipada pelo completo desconhecimento das adversidades da guerra. Ali ninguém sabia, nem quando, nem se seria possível voltar encontrar água para reabastecer os cantis, embora em regiões montanhosas como era aquela, os riachos brotassem com muita frequência. Os caminhos é que podiam não condizer com o acaso dos riachos. O almoço é breve. Do 1020 é que ninguém sabe. Há muitas conjecturas. Tantas quantos os vários montes que era possível avistar dali. Antes de nos colocarmos de novo em marcha sou convocado para a reunião dos Alferes e alguns furriéis, onde se ajustam opiniões do rumo a seguir. À semelhança das bússolas há opiniões para todas as direcções. Até o *maçarico* tinha uma ideia mas mandava-lhe o bom senso que seria

melhor estar calado e ouvir. A decisão final é sempre de quem comanda, embora ordene um bom juízo que a decisão deve ter por base tudo o que se ouviu. Mesmo o que possa vir de um *maçarico* de camuflado novinho e milhares de teorias vazias trazidas de Mafra. Para desagrado da maioria, é decidido voltar a descer aquele monte e voltar à floresta. Havia que encontrar o 1020, que ninguém garantia para que lado ficava. Na carta era evidente mas no terreno e ao nível do solo uma espécie de jogo de feira a ver quem acerta. O problema, e a maior dificuldade, é que, ao certo, ninguém sabia sequer onde estava. Aparecem as primeiras lavras amanhadas pelas populações que dão apoio à guerrilha. Pequenas plantações de milho e massango (planta com espiga de grãos miudinhos e em grande quantidade) que se dispersam misturadas com as plantas selvagens que lhes servem de camuflagem quando os aviões as sobrevoam em busca de indícios de organização inimiga.

Sem grande convicção, alguns soldados vão destruindo a plantação à medida que vão passando. Outros passam ao lado e murmuram acenos de uma subversão de consciência que aqui e ali se ia construindo:

- Deixa ficar. Também precisam de comer...!

O resto do dia é passado a subir e a descer montes em busca do objectivo. De vez em quando o Alferes Chagas de carta na mão solicita outras opiniões que possam esclarecer a posição em que nos encontramos. Timidamente, atrevo-me a apontar um determinado monte como sendo o 1020. Da leitura que eu fazia da minha carta aquilo parecia-me evidente. Daí que tenha ganho alguma coragem para alvitrar. Ninguém diz nada. Mas é óbvio que no espírito de cada um dos meus companheiros perpassa qualquer coisa como... olh'ó *maçarico* armado em chico esperto... ou mesmo em parvo...

Percebi e compreendi tudo isso. O que não sabiam era que, não obstante, eu possuía algumas armas que nenhum deles porventura tinha. A minha infância tinha sido passada em montes e vales a brincar aos índios e *caubóis*. Se havia algo que aqueles jogos meio loucos de percorrer durante um dia inteiro as cercanias e montes da minha aldeia em busca dos “inimigos” forjados a partir do “Cavaleiro Andante” e outras literaturas da época, me tinham proporcionado, era um sentido de orientação apurado cuja utilidade se viria a revelar de enorme importância na guerra. Ao longo dos trinta e dois meses e meio de guerra em Angola jamais me perdi. Uma glória pequenina que me dava algum conforto na segurança da guerra que eu buscava e me avivava uma infância recente de menino roubado ao tempo da meninice ainda tão fresco na minha memória de índio selvagem valente e invencível. Do mesmo não se poderão vangloriar alguns profissionais da guerra que era rara a vez em que saíam para o mato que não se perdessem por completo, dando origem a mil e uma histórias de episódios caricatos.

Escusado será dizer que, com naturalidade, não foi seguida a minha opinião. Eu teria feito o mesmo.

Começava a escurecer. Sobe-se um pouco mais em busca de um ponto elevado que nos dê mais segurança para pernoitar. Trago uma curiosidade imensa em ver como se passa a noite em pleno mato. A minha primeira noite de verdadeira privação de um mínimo de conforto.

Observo com atenção a forma como cada um resolve o seu problema e como todos se conjugam para um fim comum. O sistema tradicional, com o qual nunca me haveria de dar muito bem, era o agrupamento a três. Cada militar usa um poncho (uma capa de lona fina forrada a borracha de forma quadrangular com uma abertura ao meio donde sai um capuz) excelente para a protecção individual contra a chuva e por vezes o frio. O poncho vem preparado para duma conjugação a três resultar numa tenda, bastando orientá-la bem relativamente ao vento e à chuva, quando havia tempo para isso. Dois paus de suporte, dois fios e algumas estacas, tudo facilmente obtido no momento ali mesmo na mata, armam um lugar de pernoita para três em pouco mais de cinco minutos. O chão é

coberto com capim, que brota abundantemente por todo o lado. A almofada é substituída pelo saco de lona que transportamos às costas. A faca de mato, instrumento imprescindível de múltiplas aplicações, escava alguma terra para tapar as franjas da tenda, obstando a que uma chuvada nocturna invada o seu interior, objectivo este nem sempre conseguido, quando a violência da chuva se sobrepunha à precariedade dos meios utilizados.

O pessoal é disposto em círculo, como sempre, e é feita uma escala de vigilância nocturna dividida em quartos de duas horas a cargo de um dos pelotões. Ao centro deste dispositivo fica o comandante da operação acompanhado pelos militares que transportam e operam os elementos essenciais para a segurança e operacionalidade do grupo: o rádio, o morteiro, a bazuca e o dilagrama (este último um invento português que lançava uma granada defensiva a uns bons cem metros, usando a própria G3 munida de uma munição especial).

A noite é estranha, mas o extremo cansaço acaba por vencer algumas tensões da guerra e outras tantas preocupações pelos variados ruídos de animais nocturnos que protestavam pela invasão inoportuna dos seus domínios. O sono é curto e entrecortado por pequenos sobressaltos de *maçarico* pouco habituado ao desconforto da mata e os sons novos que em nada se assemelham aos silêncios da aldeia.

O apagar das primeiras estrelas dita o acordar e arrumação rápida de toda a tralha. O inimigo tem todas as vantagens do seu lado. Se nos perseguiu no dia anterior, sabe onde pernoitámos, tornando-se fácil atacar ao alvorecer quando meio estremunhados nos preparamos para continuar. Torna-se pois adequada a movimentação rápida quanto possível enquanto o dia, ainda mal acordado, não dá vantagem a nenhuma das partes. O pequeno-almoço é engolido em andamento e servido a partir do bolso do camuflado junto à coxa. Um pacote de leite com chocolate, uma bisnaga de doce e cubos de marmelada compõem a ementa. Algumas bolachas, entretanto desfeitas na sua maior parte e transformadas numa papa com a humidade e a chuva, completam o menu de mato.

O tempo mudou durante a noite e agora ameaça chover. De novo monte abaixo em busca do malfadado 1020. Por volta das 10 horas, uma chuvada forte abate-se copiosa sobre nós. Uma água grossa que nos transforma em destroços silenciosos de naufrágio deambulando perdidos naquele mar verde de folhagem agora reluzente e vergado pelo peso das ondas de chuva que sobre ele se abate.

Voltamos a entrar na floresta, agora com um tipo de vegetação bastante diferente formada por árvores enormes de copa frondosa e um emaranhado incrível de lianas e folhagem de vários tipos, tamanhos e formas. O chão é estranhamente liso e sem vegetação. O dia, embora pouco claro, transforma-se de repente em noite. A luminosidade é nula, razão pela qual não há vegetação no solo. Mas a sensação mais estranha é que apenas sabemos que chove com enorme intensidade pelo ruído da chuva lá bem no cimo da copa das árvores, porque sobre nós nem uma gota de água. O chão está completamente seco. Andámos horas naquela situação, deliciando-nos com o facto de sabermos que chovia copiosamente e nós sequinhos como se fosse um dia de Primavera. Os ponchos são arrecadados porque se tornam quentes e desconfortáveis.

Por fim uma pequena clareira. O ruído da chuva, já sossegado algum tempo atrás, é melhor esclarecido com o despontar de um sol luminoso e céu azul sem nuvens, que nos recebe resplandecente mal saímos daquele telheiro formado pela copa das árvores. A alternância é tão brusca que há alguma dificuldade na adaptação imediata à nova luminosidade. A clareira é breve e de novo a imensidão daquela mata de tecto denso que, agora sem chuva e com o sol brilhante e quente na sua copa, permanece escura como breu, uma sensação de novo complexa por se saber que o céu está limpo e o sol radioso mas ali volta a ser praticamente noite. Aquela semi-escuridão dura uma ou duas horas

mais e baralha-nos por completo. A meio do percurso alguém garante que há ali algo de errado. O céu não pode estar limpo com um negrume daqueles. A sensação é ímpar. Por mais que se procure, olhando em redor, nem um minúsculo raio de sol penetra naquele autêntico escudo de folhagem. O efeito surpreendente é a breve prazo trocado pelo saborear daquela circunstância nova e agradável, porque não só o chão era pouco inclinado e limpo de vegetação e lianas de espinhos aguçados que nos rasgavam o camuflado e a pele, como a ausência de calor era uma dádiva para o corpo e para o espírito.

Contudo, quando por volta das 4 da tarde saímos finalmente daquela abóbada natural, nem uma nuvem no céu. Apenas o sol, ainda quente e muito festejado por todos, esquecidos que estávamos já dos seus efeitos por via daquela protecção de ocasião. Foi talvez a única ocasião em África em que vi tanta alegria pela presença do sol. Uma espécie de regresso da energia entretanto cortada.

Tudo se vinha conjugando para aumentar as nossas confusões e erros de cálculo.

Continuamos ainda mais baralhados. Sem pontos de referência, naturalmente ausentes naquela autêntica cápsula em que vogámos praticamente durante todo o dia, a nossa escuridão é ainda maior, se bem que a bússola se mantenha agora bem mais serena. O norte que nos indica é que não nos convém nada. Se de facto assim era, andámos praticamente todo o dia em sentido contrário ao que se pretendia, como moscas tontas..., como se ouvia de um ou outro militar mais desesperado e... “cansado das desorientações do Alferes Chagas que, em Lisboa, havia de se perder no Rossio... querendo ir para os Restauradores!”

Mas desta vez a bússola estava certa. Nós é que não. O objectivo principal é abandonado por se tornar impossível de concretizar nos dois dias que restavam. É decidido iniciar o regresso, aproveitando para um reconhecimento das zonas por onde iríamos passar.

Completamente desorientados naquela situação, faltava agora encontrar o rumo de casa e, essencialmente, o local combinado para o encontro com as viaturas, que nos levariam de volta ao quartel. Andávamos a meia encosta de montes não muito elevados. Ninguém se atrevia a sugerir que se subisse um metro que fosse para obter uma melhor vista e reorientar o caminho de casa. O extremo cansaço sugeria apenas opiniões de descer, não de subir. De voltar a mergulhar na mata densa e húmida do sopé da montanha ninguém nos livrava. Andar para Sul. Andar para Sul é o bom sentido. Onde vamos parar, logo se vê. Quanto à hora pré estabelecida para o reencontro com as viaturas que nos viriam buscar ao quarto dia de operação, havia que alterar os planos. O Chagas comunica pelo rádio dando indicações para que as viaturas não saiam, pois que nem sabemos onde estamos quanto mais encontrar o local combinado à hora aprazada.

A meio da tarde do quarto dia é finalmente possível calcular a nossa posição, embora sem grandes garantias de exactidão. Longe, muito longe da picada que permitiria encontrar as viaturas. Conclui-se que será melhor caminhar directamente para o quartel. Há mal-estar entre os militares por tanto calcorrear, aparentemente sem qualquer proveito. Ainda por cima nem conseguiríamos ser recolhidos, o que nos pouparia uns bons quilómetros a pé. Não temos água desde manhã quando passámos o último riacho. O terreno é agora plano e a vegetação pouco densa. Os nossos olhos de caminheiros perdidos percorrem ávidos o horizonte, que, longínquo, parece fugir à nossa frente, procurando descortinar um sinal que denunciase a proximidade do quartel.

O sol já se escondeu. Nem uma brisa de ar.

Saindo da copa das árvores, uma leve neblina começa timidamente a formar-se nos vales que se avistam distantes. Um aroma de terra levemente humedecida varre suavemente o ar quente que ainda brota do chão ressequido. Paira no ar uma calma de denúncia de um braseiro já sufocado pelo cair do sol no horizonte e a humidade fresca exalada pelas árvores.

Caminhar para Sul. Tudo para Sul. A picada St<sup>a</sup> Eulália-Estrada de Carmona tem dezenas de quilómetros. Nalgum ponto havemos de a encontrar.

Entramos no quartel pelo nosso pé já quase noite. Um fumo branco leve e preguiçoso sobe ao céu pela chaminé da cozinha espevitando o nosso sentido do olfacto em busca de uma perspectiva de refeição decente e reconfortante. O cansaço é extremo mas a visão do quartel alivia o peso do corpo, do saco e da G3. Não a mim, que me deixo ficar para trás e me faço mergulhar num mar revolto de pensamentos que se cruzam e entrechocam enegrecendo o meu futuro, no mínimo, dos próximos três anos.

Dói-me tudo. O corpo e a alma.

O Santos aproxima-se. Põe-me o braço por cima e diz.

- Escuta lá ó *maçarico*. Chegámos à conclusão que eras capaz de ter razão lá atrás quanto ao 1020.

Inchei um pouco, não obstante os quatro quilos e meio deixados para trás lá no Mufuque.

Ou melhor. Inchei bastante; o suficiente para recuperar quase de imediato das mazelas que já mal sentia no torpor que me invadia todo o corpo.

Ripostei com a réstia de humor que ainda consegui juntar.

- Quando os *marrecos* se voltarem a perder é só perguntarem ao *maçarico*...

- Pode ser que esteja bem disposto e vos traga para casa.